

A ARTE DE CUIDAR DE RAIZEIROS/AS: REFLEXÕES SOBRE A INTERAÇÃO DOS ESPECIALISTAS COM AS PLANTAS E COM O OUTRO

THE ART OF CARE OF “RAIZEIROS/AS”: REFLECTIONS ON THE INTERACTIONS OF SPECIALISTS WITH PLANTS AND WITH OTHERS

Natália de Paula Reis*

RESUMO: Neste artigo, temos o objetivo de compreender os saberes e as práticas curativas de raizeiros, considerando as relações desses indivíduos com o meio ambiente (significação) e deles com outros indivíduos (comunicação). Para tanto, fundamentamos nossas discussões na teoria ecolinguística, mais especificamente nos estudos de Couto (2007, 2016) e Nenoki do Couto (2012). Baseados nessa vertente, buscamos compreender a relação entre indivíduo-língua-meio ambiente, a partir do social, cultural, natural e das experiências subjetivas dos raizeiros. Metodologicamente, o *corpus* desta pesquisa constitui-se de conversas realizadas com três raizeiros moradores da cidade de Nova Glória/GO, localizada a aproximadamente duzentos quilômetros da capital do estado, Goiânia. A partir das conversas com os especialistas, vemos que esses possuem uma intensa relação com as plantas e com o outro, ou seja, com o próprio ambiente e com a comunidade, especialmente pacientes. Eles, para além do uso dos recursos naturais e produção de remédios, se preocupam e agem em benefício da comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Saberes. Raizeiros. Interação. Ecolinguística.

ABSTRACT: In this paper, we intend to understand the knowledge and the healing practices of the ‘raizeiros’ of the city of Nova Glória (GO), considering the relations of these individuals with the environment (meaning) and of them with other individuals (communication). Therefore, we base our discussions on ecolinguistic theory, more specifically on studies of Couto (2007, 2016) and Nenoki do Couto (2012). Based on these perspectives, we seek to understand the interaction between individual-language-environment, from the social, cultural, natural and subjective experiences of specialists. Methodologically, the corpus of this research consists of conversations with three ‘raizeiros’ living in Nova Glória/GO, located approximately two hundred kilometers from the state capital, Goiânia. From the conversations with the specialists, we can conclude that they have an intense relationship with the plants and with the

* Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Goiás (2016) e mestrado em Estudos Linguísticos, na área de linguagem, sociedade e cultura, pela Universidade Federal de Goiás (2019). Atualmente, é doutoranda em Estudos Linguísticos do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística na Universidade Federal de Goiás. Realiza pesquisas em Ecolinguística e é integrante do Núcleo de Estudos de Ecolinguística e Imaginário (NELIM), cadastrado no CNPq. E-mail: nreis.letras@gmail.com

other, i.e., with the environment and with the community, especially patients. They, in addition to using natural resources and production of remedies, they care about and act on behalf of the community.

KEYWORDS: Knowledge. Raizeiros. Interaction. Ecolinguistics.

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, doenças ceifaram vidas e despovoaram cidades, vilas e campos fazendo com que os indivíduos criassem técnicas para enfrentar acidentes, doenças e outras perturbações corporais. Buscou-se, ao longo dos anos, a resolução dos males do corpo por meio de diferentes práticas, valores, crenças e recursos. Nesse contexto, a medicina popular, ou seja, as práticas de curandeiros, raizeiros e benzedeiros eram bastante significativas e manifestavam-se nessas primeiras organizações sociais.

Ao lançarmos o olhar para a prática dos raizeiros, objeto da presente investigação, vemos que são pessoas que possuem saberes especializados acerca dos recursos naturais (especialmente, plantas) e da medicina. Sendo assim, a partir de um vasto conhecimento medicinal, trabalham na produção e indicação de remédios para prevenção e cura das enfermidades. O modo de vida desse grupo caracteriza-se, portanto, por uma estreita, profunda e necessária relação com a terra e com a natureza, em especial com as plantas medicinais.

Situando-nos em uma perspectiva ecológica da linguagem, pretendemos, neste artigo, compreender as práticas e os saberes de raizeiros/as, tendo em vista as interações deles/as com outros indivíduos (comunicação) e com o meio ambiente no qual eles estão inseridos (referenciação). Buscamos refletir, ainda, sobre a indispensabilidade da preservação e da valorização dos saberes populares, em defesa da integridade física e cultural dos povos tradicionais, considerados “desinteressantes” para os moldes científicos. Dessa forma, será possível ressaltar as práticas medicinais de raizeiros, considerando o saber acumulado e os usos dos recursos naturais na comunidade investigada.

Para tanto, a fim de traçar tais discussões, partimos dos pressupostos teóricos da Ecolinguística, recente teoria do ramo dos estudos linguísticos, desenvolvida no Brasil a partir da década de 1990. Em diálogo com essa perspectiva, levamos em

conta também estudos especialmente da área da Antropologia, a fim de compreendermos como se constroem esse conhecimento popular e, então, refletirmos sobre o lugar social que ocupa os saberes dos raizeiros. Dentre os autores que fundamentaram as discussões, podemos citar Capra (1996) e Santos (2007, 2019), entre outros.

Neste estudo, nossas reflexões partiram de conversas com três raizeiros, realizadas na cidade de Nova Glória/GO, localizada a cerca de 200 quilômetros da capital do estado, Goiânia. A relação entre os indivíduos e as plantas medicinais se faz recorrente na região, evidenciada no fazer dos raizeiros ou das benzedadeiras, que são bastante presentes na comunidade.

Este artigo está dividido em três seções, além da presente Introdução e das Considerações Finais. Na primeira seção, discutimos as concepções teóricas que fundamentam nosso estudo. Na segunda, apresentamos o percurso metodológico, o contexto de investigação e o perfil dos raizeiros, participantes da pesquisa. Na terceira, descrevemos e analisamos os dados coletados, tendo em vista os objetivos deste estudo. Por fim, nas considerações finais, retomamos as principais reflexões realizadas no decorrer da pesquisa, bem como apresentamos nossas conclusões.

1 ECOLINGUÍSTICA: UM PARADIGMA ECOLÓGICO PARA OS ESTUDOS DA LINGUAGEM

A Ecolinguística baseia-se em um paradigma ecológico, isto é, traz uma perspectiva ecológica para os estudos da linguagem. Fundamentada numa visão ecológica de mundo e em valores ecocêntricos – em diálogo com o que propõe Capra (1996) – os estudos ecolinguísticos entendem que todos os seres vivos estão interligados em uma rede de interdependências. A máxima é entender a língua/linguagem, a ciência e a vida como redes. Propõe-se, portanto, uma perspectiva que seja holística ou, em outras palavras, “sistêmica”, que leve em conta o todo.

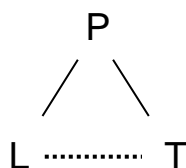
Nesse caminho, da mesma maneira que a ecologia se dedica ao aspecto dinâmico dos ecossistemas, a ecolinguística apresenta uma noção de língua não estática e holística. Nesse contexto, essa vertente sustenta a ideia de redes,

compreendendo os fenômenos da linguagem e do mundo a partir de uma visão integradora, não fragmentada. De acordo com Makkai (2016, p. 105, grifos do autor), os estudos ecolinguísticos devem direcionar o linguista “para uma visão da linguagem filosoficamente mais tolerante e de modo geral *inclusiva*, não *exclusiva*”. Isso quer dizer que, ao adotarmos um paradigma ecológico, podemos repensar velhas convicções da Linguística e, sobretudo, da ciência, de modo a reconhecer, também, seus papéis morais.

Como se vê, a ecolinguística aborda os fenômenos da linguagem ecologicamente, ou seja, fundamentando-se na ecologia biológica, faz ecologia diretamente, nesse caso, lida com a ecologia linguística. Nesse contexto, assim como é necessário um território para se viver em comunidade, a língua também depende de um povo para existir. Se o que interessa à Ecologia são as interações que se dão entre organismos e habitat, para a ecolinguística, da mesma forma, o que importa são as inter-relações entre os indivíduos e seu território que constituem a língua.

Diante disso, salientamos que a ecolinguística se dedica principalmente às interações que se dão entre os membros de uma população ou deles com o território habitado. Nessa lógica, o ecolinguista, ao estudar a língua/linguagem, deve tomar a compreensão da interação comunicativa como aspecto primordial em suas discussões, já que, como nos mostra Couto (2013, p. 308), tudo nessa teoria “começa e termina nos atos de interação comunicativa, na ecologia da interação comunicativa. É das inter-relações entre comunidade de interação e comunidade de sistema que se constitui o que se chama língua”.

Quando pensamos a língua como a própria interação, devemos nos atentar tanto para as relações indivíduo-indivíduo, que remetem à comunicação, quanto as relações indivíduo-mundo, que dizem respeito à referenciação. Para estudar as inter-relações nessas duas instâncias (comunicação e referenciação), os estudos ecolinguísticos fundamentam-se no que chamamos de *Ecossistema Integral da Língua (EIL)*, representado na figura a seguir:

Figura 1. Ecosistema linguístico

Fonte: Couto (2007, p. 91)

O esquema acima, elaborado por Couto (2007), ilustra o ecossistema linguístico, ou seja, a relação entre L, P e T. No EIL, tem-se membros de uma dada população (P), que residem em determinado Território (T) e falam sua própria Língua (L). Na ecolinguística, esse ecossistema deve ser encarado a partir do natural, mental e social. Isso quer dizer que a língua se constrói na comunidade, onde um povo que vive em determinado território (meio ambiente natural), interage entre si (meio ambiente social). Ao interagir por meio da língua no território, os indivíduos armazenam e processam o conhecimento linguístico no cérebro (meio ambiente mental).

Segundo Couto (2016), o ecossistema natural da língua é composto pelas relações diretas entre P e T, encarados como entidades físicas, concretas. Nesse sentido, o ecossistema natural é composto de um corpo físico que interage com um território físico. O ecossistema mental da língua, por sua vez, relaciona-se ao processamento linguístico que acontece no cérebro dos indivíduos, o cérebro em funcionamento, ou seja, as interações entre os dendritos e os axônios que constituem a mente. Já o ecossistema social da língua refere-se às interações entre os indivíduos, isto é, à convivência, ao compartilhamento de gostos e de costumes dentro de uma comunidade. Assim, o que chamamos de ecossistema social corresponde ao modo com que os seres sociais interagem e organizam-se em um território social.

No caso dos raizeiros, a interação também está sujeita a análise. Isso porque além das interações entre os raizeiros e os outros indivíduos, com a própria comunidade (pacientes, familiares, etc), há também uma intensa relação desses com o mundo, com o próprio ambiente. Propomos, nesse contexto, pensar nos papéis que os ecossistemas social, o mental e o natural dispõem nessas interações, via linguagem. Além das interações que ocorrem dentro da comunidade entre esses

indivíduos e deles com o território (meio ambiente social e natural, respectivamente) devemos levar em conta, no plano do mental, a percepção e cognição da realidade.

Como se vê, a noção de ecossistema linguístico associa-se fortemente à visão sistêmica apresentada por Capra (1996), já que reforça uma visão de conjunto – nesse caso, a partir de uma perspectiva holística, as instâncias natural, mental e social se integram para compor o todo, o ecossistema integral da língua.

2 METODOLOGIA

Neste estudo, adotamos entrevistas não diretivas/semi-estruturadas, posto que buscamos manter um diálogo com os especialistas, de modo que eles pudessem se sentir à vontade para contar suas experiências e saberes. Diferentemente do questionário, na entrevista, é possível uma troca efetiva entre o pesquisador e seu interlocutor, em que se apresentam, muitas vezes, as percepções e modos de pensar dos sujeitos da pesquisa.

Tais diálogos ocorreram na cidade de Nova Glória/GO, localizada a aproximadamente 200 km da capital do estado, Goiânia. O município conta, atualmente, com 8.514 habitantes, conforme aponta o site oficial da cidade.⁵⁹ Situa-se na região do Vale do São Patrício, que compreende o centro goiano e o entorno da cidade de Ceres/GO. Essa região é formada por 23 municípios, incluindo Nova Glória. O mapa abaixo ilustra a extensão e localização da cidade de Nova Glória/GO (Figura 2):

⁵⁹ Disponível em: <<http://www.novagloria.go.gov.br/>> Último acesso: 20 dez. 2021

seu cotidiano, a especialista ocupa-se mais em cuidar das plantas no quintal e assistir à missa matinal.

José Silvério (JSO), 49 anos, casado, tem um perfil que difere do das raizeiras. Pesquisador, como se autodenomina, aprendeu o conhecimento medicinal também com seu pai, que o levava para o campo. Tem, de acordo com ele, formação natural, científica. Não costuma fazer garrafadas, mas extratos concentrados. Algumas doenças, não gosta muito de tratar, como reumatismo, por exemplo. Gosta mesmo é de cuidar das doenças hepáticas, estomacais e pulmonares. Suas semanas se resumem a fazer os remédios e a se dedicar a sua saúde, um pouco fragilizada.

3 O LUGAR DO SABER POPULAR DOS RAIZEIROS NA COMUNIDADE

Os especialistas, ou raizeiros, como são chamados na comunidade, são pessoas que dedicam grande parte de suas vidas na venda de plantas e/ou produção de remédios para prevenção e cura de enfermidades. Esses indivíduos possuem saberes especializados acerca dos recursos naturais e da saúde e, por isso, são considerados pela comunidade uma figura de enorme relevância social. Apesar de muitos raizeiros se ocuparem do comércio de produtos naturais e partes de plantas nas ruas ou em feiras livres, na comunidade investigada, eles realizam a produção e vendem os remédios em suas casas.

O conhecimento dos raizeiros deve ser entendido como um saber popular/tradicional que, em contraposição ao conhecimento científico, fundamenta-se na tradição oral. De acordo com Amorozo (1996, p. 55) “em sociedades tradicionais, a transmissão oral é o principal modo pelo qual o conhecimento é perpetuado”. Em nossas conversas, um dos especialistas também enfatiza esse processo de transmissão intergeracional:

(1) A princípio da minha:... da minha condição de conhecimento de plantas que eu faço veio do meu pai... quando meu pai era vivo ele tinha a cisma...a impressa... sugestão que tinha problema de coração.. nós íríamos para o campo ele me mostrava as planta que tirava água do coração... que curava o coração e que curava as doença reumática.. aí começou... começou o princípio do meu conhecimento. (JSO)

Como ilustra José, o interesse de seu pai pelas plantas e pela medicina popular foi o que motivou a busca e a aquisição de seus saberes. Conforme podemos notar, geralmente, nesse tipo de tradição oral, os conhecimentos são transmitidos dos mais velhos para os mais novos, que podem ter ou não algum grau de parentesco. Interessante pontuar, nesse contexto, que a aquisição e a propagação do saber medicinal do raizeiro surgiu a partir das inter-relações sociais dentro da comunidade, com a própria família. Além disso, é possível perceber um conhecimento construído na experimentação, por meio da *cisma*, da *sugestão* e, acima de tudo, por meio das experiências no campo.

Dentro desse contexto, os raizeiros precisam, muitas vezes, fortalecer a importância do seu conhecimento, bem como legitimar a indispensabilidade de sua existência e de suas práticas. Em nosso primeiro encontro, o senhor José, por exemplo, fez questão de levar um amigo paciente, que chegou a afirmar que o raizeiro o ajudou no tratamento de sua doença. Além disso, quando perguntados se alguém mais fazia esse tipo de trabalho, todos eles responderam que não, que ninguém mais tem esse conhecimento. Os discursos deles direcionavam-se frequentemente para a necessidade de comprovar a eficácia e o valor de seu ofício. Isso ocorre porque perdura, ainda hoje, uma visão que contesta a validade desses saberes, priorizando o que é estritamente científico.

Essa superioridade que é atribuída ao conhecimento científico também é um aspecto ressaltado pelos raizeiros em nossas conversas. Enquanto os membros da comunidade próximos aos raizeiros valorizam seu conhecimento, a medicina oficial, por outro lado enxerga esses sujeitos como ignorantes e inferiores:

(2) Pesquisadora: É... verdade.. O senhor acha que esse conhecimento que o senhor tem sobre as plantas ele é valorizado pelas pessoas.. ou o senhor acha que o preconceito...

Inf.: Pelos que me conhece sim, agora pelos médicos dá muito preconceito pelo seguinte... porque há uma falsidade ideológica dos radiologista e dos médicos que quando as pessoas vem cá e põe as pedra e vai neles eles falam que num botou.. que é um complô de uma falsidade ideológica muito grande dentro do () porque o maior homem que impressiona o paciente chama-se radiologista pra jogar para os médicos... que eu sei que eles tem comissão... no tal caso que sê tá me entrevistando... você vai filmar um vidro de pedra que tem a média de 700 a 800 pedra de vesícula que eu tirei duma mulher de Brasília e tem uma senhora que sai daqui hoje aqui de Nerópolis

que ela coloco mais 240, 250 pedra de vesícula... ela veio toma a segunda dose.. só que os médicos num admite meu trabalho... (JSO)

Como vemos, o raizeiro ressalta que, por parte das pessoas que o conhecem, há uma valorização de seus saberes medicinais. No entanto, os médicos têm preconceito, chamado por ele de “falsidade ideológica”. Entendemos, nesse contexto, que José acredita que há uma ideologia dos médicos de que o ofício dele não tem validade alguma, posto que, na maioria das vezes, os médicos não acreditam que ele foi capaz de contribuir para os pacientes expelirem pedras das vesículas. O conhecimento científico, nesse caso os saberes médicos, marginaliza e cria estigmas em relação aos saberes do raizeiro.

Nesse sentido, o conhecimento científico, dominante, comumente pautado por uma visão positivista, nega de forma totalitária todas as formas de conhecimento que não se fundamentam em seus princípios epistemológicos e metodológicos. Tem-se, portanto, uma noção de ciência que fecha as portas para muitos outros saberes. Capra (1996) defende que, em função de seguir um pensamento cartesiano, acabamos por perder, muitas vezes a complexa visão em redes, a visão do todo. Vemos, então, que se constrói um conhecimento fragmentado e disciplinar em contraposição à abordagem holística e integradora dos saberes populares.

No entanto, mesmo situando-se em um lugar marginalizado, os saberes dos raizeiros ainda resistem na sociedade atual e apresentam-se, muitas vezes, tão complexos quanto os saberes prezados pela modernidade.

3.1 “Cada planta tem uma coisa que ela é indicada”: a interação indivíduo-mundo

Conforme vimos, além das relações indivíduo-indivíduo, que correspondem à comunicação, podemos pensar em relações entre os indivíduos e o mundo, que tratam da significação e da referência. Nesta seção, daremos ênfase especialmente a relação indivíduo-mundo, tendo em vista a maneira como os especialistas lidam com as plantas e os significados intrínsecos a esse processo.

De início, notamos que os dados apontaram que tanto o ofício quanto o modo de vida dos raizeiros caracterizam-se por uma estreita, profunda e necessária relação

com a terra e com a natureza, especialmente com as plantas medicinais. Observamos, por exemplo, que frequentemente em nossas conversas, eles ressaltavam a importância da terra e do meio ambiente. Assim, quando diziam “*eu amo mexer aqui com minhas plantinhas*”, tornava-se evidente uma relação até mesmo afetiva com os recursos naturais, mostradas não somente pela presença do verbo “amar”, como também pelo uso do diminutivo, que, além de outras funções, tende, em muitos contextos, a denotar afetividade. Percebemos que há, do mesmo modo, entre esses especialistas, um vasto conhecimento etnomédico. Assim como um arquiteto é um especialista que projeta e idealiza os espaços, os raizeiros possuem técnicas e conhecimentos avançados sobre a saúde. Os próprios usos de termos específicos da área da saúde como *antiinflamatório*, *viródica* e *sedativo* demonstraram isso.

Com o intuito de iniciar nossas discussões acerca desses conhecimentos, buscamos no quadro abaixo, sistematizar as plantas, as partes utilizadas, formas de preparo e indicações terapêuticas apresentadas pelos especialistas em nossas conversas:

Quadro 1. Lista de plantas e suas respectivas propriedades evidenciadas pelos especialistas

Nome popular	Nome científico	Parte utilizada	Forma de preparo	Indicações terapêuticas
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i>	Folha	Chá	Calmante
Algodãozinho	<i>Coclospremu m regium</i>	Casca/raiz	Maceração	Infecções em geral. purgante
Alho	<i>Allium sativum L</i>	Caule	Chá	Gripe
Artemísia, Losna	<i>Artemísia absinthium</i>	Folha	Chá ou extrato	Melhorar a digestão; vermes intestinais
Camomila	<i>Matricaria recutita</i>	Flor	Chá	Calmante; Tratamento de ansiedade; sinusite
Cana-de-macaco	<i>Costus spicatus</i>	Cana (hastes) e folhas	Chá	Infecções urinárias; pedras nos rins
Canela-de-velho	<i>Miconia albicans</i>	Folha	Não informado	Dores musculares; artrose
Cipó-dor	<i>Banistera argyrophylla</i>	Cipó	Não informado	Dores em geral; tratamento reumático; antiinflamatório
Carne verde	<i>Moringa Oleífera</i>	Folha	Ingestão da folha	Vitamina C; tratamento de anemia; combate à obesidade e ao colesterol alto

Eucalipto	<i>Eucalyptus globulus</i>	Folha	Chá; maceração	Enfermidades das vias respiratórias; sinusite; rinite; asma
Erva cidreira	<i>Melissa officinalis</i>	Folha	Chá	Calmante
Fedegoso	<i>Tiaridium alongatum, L..</i>	Cascas, folhas	Chá ou compressas	Anti-inflamatório; Febre; cicatrização
Flor da noite, flor cheirosa, cacto da flor grande	<i>Cactus cereus giganteus L.</i>	Brotos e caule	Não informado	Doenças cardíacas, desentupimento de artérias; Reumatismo, dores articulares e musculares
Folha santa	<i>Kalanchoe pinnata</i>	Folha	Não informado	Infecção em geral
Funcho, erva-doce	<i>Pimpinella anisum</i>	Folha; Flor	Infusão	Gripes e resfriados; problemas estomacais
Hibisco	<i>Hibiscus rosa-sinensis</i>	Flor	Chá	Propriedades diuréticas; Emagrecimento
Hortelã, hortelazinho	<i>Mentha viridis, L.</i>	Folha	Chá	Gripe, tosse
Macelinha	<i>Achyrocline satureioides, D. C.</i>	Folha	Maceração	Problemas digestivos; diarreia
Mama-cadela	<i>Brosimum gaudichaudii</i>	Casca;Raiz	Chá	Manchas na pele; úlceras estomacais
Melão de São-Caetano	<i>Momordica charantia, Lin</i>			Desinflamatório
Mulungu	<i>Erythrina speciosa</i>	Folha	Chá	Calmante; Tratamento de insônia
Pata-de-vaca	<i>Bauhinia curvula</i>	Folha	Chá	Infecções; diurético
Pé-de-perdiz	<i>Croton antisiphiliticus</i>	Raiz	Maceração	Infecções em geral
Pimenta do reino	<i>Piper nigrum L</i>	Semente	Maceração	Tratamento de sinusite
Quebra-pedra	<i>Phyllanthus niruri, L.</i>	Folha	Infusão; decocção	Tratamento dos rins, Prevenir pedras na vesícula; ação diurética
Rabo-de-tatu	<i>Centrosema bracteosum</i>	Raiz	Maceração	Dores no estômago, tratamento do sistema hepático
Romã	<i>Punica Granatum</i>	Casca, Semente	Chá e tintura	Gripe; Tratamento de sinusite
Sabugueiro	<i>Sambucus nigra L.</i>	Sementes	Chá, sumo	Gripe; sinusite e problemas respiratórios em geral
São João	<i>Hypericum perforatum</i>	Folha; flor	Chá	Calmante; Tratamento de insônia
Trançagem	<i>Plantago major</i>	Folhas e sementes	Chá	Problemas digestivos

Unha-de-gato	<i>Uncaria tomentosa</i>	Folha	Chá	Problemas digestivos; anti-inflamatório
Urtiga	<i>Urtica dioica L</i>	Raiz	Chá; infusão	Infecções em geral
Veludo branco, Angélica	<i>Guettarda viburnoides,</i>	Não informado	Não informado	Diurética; tratamentos estomacais e hepáticos

Fonte: Elaborado pela autora; Nomes científicos retirados de Araújo (1979); Massaroto (2009); Ministério do meio ambiente (2011).

Podemos perceber que muitas foram as plantas mencionadas pelos raizeiros – ora indicadas por todos eles, ora por apenas por alguns. Dentre as plantas registradas com maior frequência provavelmente pela região de plantio ou pela maior procura por remédios, temos: *romã*, *babosa*, *hortelã*, *artemísia/losna*, *cana-de-macaco*, *arnica*, *alecrim*, *mama cadela*, *sabugueiro*, *são joão*, *rabo-de-tatu* e *transagem*. Essas plantas foram recomendadas para problemas digestivos e urinários (*transagem*, *rabo-de-tatu*, *cana-de-macaco*, *babosa*, *Artemísia/losma* por exemplo), resfriados e sinusites (*romã*, *alecrim*, *hortelã*, *arnica*) e como calmantes (*são joão*, *camomila*). Apesar de citadas por um ou outro especialista, isso não quer dizer que essas plantas sejam desconhecidas ou que os raizeiros não dominem suas propriedades medicinais. Isso quer dizer apenas que algumas das plantas medicinais (evidenciadas no Quadro 1) são utilizadas só por alguns e que os raizeiros de uma mesma comunidade não realizam obrigatoriamente os mesmos usos, ainda que façam usos compatíveis na maior parte do tempo.

Outro ponto importante que devemos salientar é que, no ofício dos raizeiros, não basta conhecer os nomes das plantas e suas características físicas. Esses especialistas conhecem, acima de tudo, as propriedades medicinais das plantas, os modos de manejo e de preparo dos remédios. Nesse contexto, o sucesso terapêutico é resultado também das formas de produção dos remédios e do meio de administração. Esses modos de preparo – assim como as plantas utilizadas – também podem ser alterados conforme o/a especialista. José Silvério (JSO, 49 anos) realiza a fabricação de extratos concentrados. Dona Júlia (JRS, 85 anos) e Dona Maria (MLML, 70 anos), por sua vez, optam, geralmente, pela técnica da maceração e chás. Isso ocorre, possivelmente, devido uma questão de faixa etária, uma vez que as especialistas, mais velhas, utilizam técnicas mais tradicionais (como é o caso da

maceração, por exemplo) enquanto José Silvério, mais novo, busca técnicas mais recentes,

Destacamos a seguir os modos de preparo realizados pelos raizeiros:

(3) Aí tem o de cheirar... tem o que é próprio assim:... de beber.. O de cheirar é pra sinusite... resfriado... eu faço ele também e tem muita saída... o povo então cheira e se dá bem.. (JRS)

(4) Esse de cheirar aqui é com álcool... aí tem folha de muitas coisas... de eucalipto... toda coisa assim de remédio... noz moscada pimenta do reino.. tudo isso a gente põe aqui... aí mistura põe assim na conserva... deixa uns quatro cinco dias curtindo... aí que a garrafada fica mais forte. (JRS)

(5) Tem também o pó... eu coloco todo tipo de casca... aí o Pereira passa no triturador aí fica só o pózim... porque pra pôr casca aqui ((aponta para a garrafada)) tomava muito espaço... aí ele tem o triturador ele tritura... aí vem só o pózim... aí põe umas três quatro colher... aí é o remédio.. (JRS)

(6) Aí... eu aprendi manipular fazer um extrato concentrado... ou seja é:... o extrato concentrado... (JSO)

Muitas são as técnicas utilizadas pelos raizeiros na preparação dos remédios (chá, infusão, maceração e extrato). Dona Júlia, (JRS), como é possível notar nos trechos acima, ressalta que realiza, principalmente, a fabricação de garrafadas e xaropes. Ela separa as plantas e, conseqüentemente, as garrafadas, de acordo com suas propriedades e funções: as que *são para cheirar* e as que *são destinadas para beber* (dado 3). Nos remédios para uso externo, a raizeira utiliza álcool; nos de uso oral, vinho branco. Ela evidencia, em nossas conversas, especialmente, as “garrafadas para cheirar”, que têm o intuito de aliviar dores de cabeça, enxaquecas e sinusites. Na preparação das garrafadas, as especialistas utilizam a técnica da maceração, uma preparação em que as plantas ficam em contato com água, vinho ou álcool à temperatura ambiente, por um tempo determinado, como uma espécie de conserva. Esse processo de maceração é empregado principalmente por Dona Júlia (dado 3 e 4). Enfatiza-se a ideia de *deixar (a planta) curtindo*, ou seja, quanto mais tempo ficar em contato com a água/vinho/álcool, mais forte ficará o remédio e, assim, mais eficiente será.

Em (5), é possível observar outra técnica, a preparação do pó, que é uma forma farmacêutica feita a partir de partes das plantas, geralmente raízes, troncos, flores ou folhas secas trituradas. Nesse caso, a raizeira escolhe as plantas a serem utilizadas

na fabricação do remédio e pede para que um amigo as triture. Em (6), o especialista não dá mais informações sobre a maneira como faz o remédio, afirmando apenas que se trata de um extrato concentrado. Quando questionamos o especialista acerca dos procedimentos, das manipulações dos extratos e, ainda, quais plantas ele utilizava para fazer os remédios, ele afirmou que se tratava de segredo de profissão e que *não se pode desabrochar*. Por questões éticas, procuramos não conversar mais sobre esse ponto, o que justifica, portanto, algumas lacunas não informadas (evidente em “formas de preparo”) no Quadro 1. Tal acontecimento nos diz muito sobre ciência e sobre sentir. Diz-nos como se sentem esses especialistas frente a uma sociedade científica e acadêmica que usufrui e desfruta dos pequenos e marginalizados. É possível observar no contexto pesquisado que há, muitas vezes, o receio da apropriação indevida e, digamos mais, com razão.⁶⁰

Ao tratamos dos modos de preparo, vimos que esses, geralmente, vieram acompanhados das indicações ou das partes utilizadas das plantas. Além de noz moscada, eucalipto e pimenta do reino, indicados para o tratamento de enxaqueca e sinusites, e o rabo-de-tatu, para problemas digestivos, como mostramos nos trechos de fala anteriores, indicou-se, por exemplo, o veludo branco como *uma das maiores plantas que desintoxica o fígado*; o cacto da flor grande como *um bom remédio contra os males do coração, pra desinchar o coração, desentupir as artérias*; o cipó dor que *tira todas as dores do organismo da pessoa*; e o mulungu, *o maior calmante que tem na Terra*. Podemos citar, ainda, outras inúmeras propriedades curativas que puderam ser observadas no decorrer de nossas conversas. Tal como afirma Dona Maria, *cada planta tem uma... uma coisa que ela é indicada*.

Muitas das recomendações terapêuticas foram direcionadas especificamente para as mulheres, com orientações relacionadas, sobretudo, ao parto ou à gravidez:

⁶⁰ Little (2010), ao tratar da apropriação indevida do conhecimento, mostra-nos que, muitas vezes, as empresas e a comunidade científica buscam por meio das pequenas comunidades – benzedeiros/os, raizeiros/os, curandeiros/os, etc – o acesso a informações que levariam anos de pesquisa em laboratórios para serem desenvolvidas. Sendo assim, o conhecimento popular acaba servindo de “atalho” para o conhecimento científico. Apropria-se e faz-se uso dos saberes populares sem que as comunidades tenham quaisquer direitos de participação nos lucros produzidos. Daí, surgem o medo dos especialistas da apropriação indevida e a necessidade da proteção do patrimônio cultural, identidade e valores dessas comunidades locais/tradicionais.

(7) Quando uma mulher ganha criança a primeira planta pra mulher fazer a limpeza uterina é ela [Angélica]... e a pós parto... e por isso que consegui essa planta... dá um chá azul ou roxo. (JSO)

(8) Essa aqui eu pus cana-de-macaco quebra pedra e transagem... é pra problema de útero... a mulher tava com muita infecção de útero... tava TÃO forte o corrimento que tem hora que ficava tudo molhada... NOSSA.. aí ontem eu fiz uma pra ela.. pra ela tomar na água... ela disse que tava tomando remédio de médico não adiantou de jeito nenhum. (JRS)

(9) Tem mulher que toma garrafada também pra ficar grávida... quando nasce elas mesmo diz que tudo admira... é aqueles menininho limpinho... que de primeiro era uns menino cheio de bertueja... essas coisa.. aí toma o remédio a criança fica limpinha. (JRS)

(10) Estando operada [laqueadura] duns oito até mais uns quinze dias pode tomar garrafada que as vezes fica um sangue... alguma coisa na cicatriz.. elas vêm e toma... NOSSA mas diz que tudo sente bem porque a garrafada é pra dá limpeza... a gente fala dá limpeza né?... aí é que joga pra fora... como se diz... (JRS)

(11) Tem o artimijo também.. é muito bom pra quem tá com menstruação dolorida... parece que é artemesia o nome dele.. mas nós antigo fala é artimijo... aí ele é muito bom quando a gente tá com cólica né? (MLML)

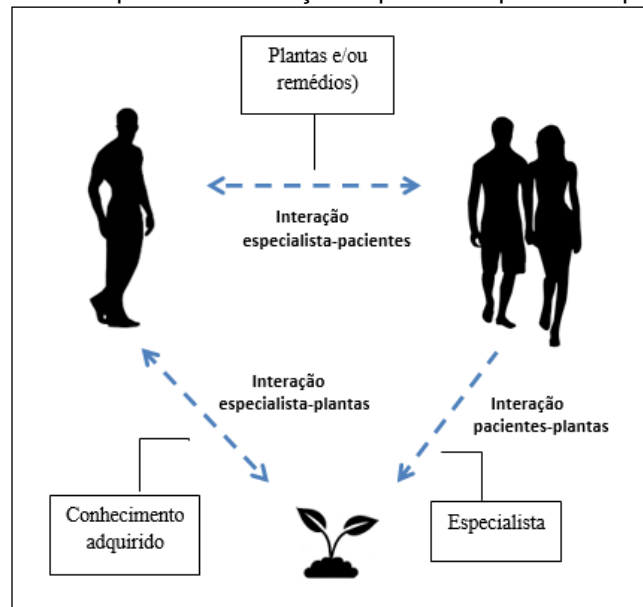
No conhecimento etnomédico, há uma crença muito forte e antiga de que os remédios naturais influenciam na fertilidade da mulher. A partir de nossas conversas, percebemos que é uma realidade atual, já que muitas mulheres procuram por garrafadas com a intenção de engravidar. As raizeiras indicaram, portanto, remédios relacionados especificamente à saúde da mulher, especialmente ligados à fertilidade e à gravidez, como se pode observar nos trechos de (7) a (11). Ao contrário, não houve, em nenhuma de nossas conversas, recomendações relativas especificamente à saúde do homem. Isso, possivelmente, justifica-se pelo fato de as mulheres procurarem mais por esses especialistas. Todos eles afirmaram que atendem mais pessoas do sexo feminino que do sexo masculino, apesar da *doença não escolher sexo nem idade* (MLML). Em (8), a raizeira ressalta também a importância do conhecimento popular, uma vez que, quando os *remédios de médico* não são eficazes, seu ofício apresenta-se como única opção viável e satisfatória. Nesse caminho, percebemos que a especialista enxerga o próprio trabalho como relevante, significativo.

Até o momento, destacamos as maneiras por meio das quais se dão as práticas dos raizeiros/as, o manejo da planta e o preparo dos remédios. É evidente, portanto, a relação deles com o território e o meio ambiente físico. No entanto, sabemos que a arte de cuidar não se restringe à relação homem-mundo. Isso porque quando pensamos em conhecimentos etnomédicos dos raizeiros/as, logo vem à tona a interação deles/as com o outro.

3.2 “Meus clientes a maioria são também meus amigos”: a interação comunicativa

Além de um cenário, a interação comunicativa (indivíduo-indivíduo) pressupõe, como já apontado, um falante e um ouvinte, um EU que fala e um TU que escuta. Nesse caso, a interação comunicativa se dá entre o raizeiro e seus clientes/pacientes, que são pessoas que sofrem alguma enfermidade, em sua maioria mulheres. Nesse contexto curativo, podemos representar o esquema da interação da seguinte forma:

Figura 3. Esquema da interação especialista-pacientes-plantas



Fonte: Elaborado pela autora

Na figura acima é possível observar como ocorre a interação do especialista com o(s) paciente(s) e do especialista com as plantas. A interação comunicativa presume, desde já, uma clientela, ou seja, interação com o outro (ecossistema social

da língua) e, sobretudo, uma interação com as plantas medicinais (ecossistema natural da língua). Como se vê, ambas as relações não ocorrem de modo direto e unidirecional. As linhas segmentadas mostram que não há relação ou interação direta, na medida em que tanto a relação dos especialistas com as plantas quanto com o outro são mediadas. A primeira, pelo conhecimento adquirido pelo especialista, e, a segunda, pelo remédio produzido. Além disso, ocorrem em duas direções, pois o raizeiro interage com o mundo (plantas) e o mundo com ele, modificando suas percepções, sentidos e vivências. Da mesma forma, a relação do especialista com os pacientes: de um EU para um TU, e de um TU para um EU.

Além dessas duas inter-relações representadas no esquema da interação, percebemos também a relação entre clientes e plantas. Esses se relacionam com a planta, via especialista. Isso porque os pacientes só passam a compreender algumas propriedades e/ou características das plantas quando são apresentadas pelos raizeiros, uma vez que esses detêm conhecimentos especializados frente a outros membros da comunidade. Desse modo, a interação entre especialista-paciente pode proporcionar a descoberta de plantas e propriedades terapêuticas antes desconhecidas, e, inclusive, criar uma consciência ecológica nesses pacientes, acerca da importância dos recursos naturais, por exemplo.

Para que a interação comunicativa ocorra, é necessário que haja uma predisposição, uma sintonia entre os falantes, denominada, na ecolinguística, de comunhão. Nessa abordagem, a comunhão é vista como uma espécie de solidariedade que mantém a coesão de um grupo social. Nos dados, podemos observar que essa comunhão, predisposição à interação também esteve latente entre os habitantes da cidade e os raizeiros. Muitas vezes, esses clientes são chamados por eles de amigos.

Além dessas pessoas que compram os remédios, os raizeiros interagem frequentemente com aqueles que os ajudam na fabricação dos produtos. Dona Júlia, por exemplo, cita Pereira, que realiza a trituração das plantas, e outros que, muitas vezes, trazem as raízes para ela das cidades de Trindade-GO e Ceres-GO. José também destaca que algumas pessoas, muitas vezes, trazem partes das plantas (principalmente raízes) para ele, a maioria do cerrado. Nos dados, essas relações

indivíduo-indivíduo, como mencionado, apareceram em menor grau. Mas os discursos dos especialistas sempre apontaram para uma boa relação deles com a comunidade:

(12) Olha... eu amo morar aqui porque eu e o pessoal daqui se dá muito bem... meus clientes a maioria são também meus amigos... sabe?... Um vinha comprava meus remédio e se dava bem... aí contava pro outro... e pro outro.. rapidinho eu já virei amiga de todo mundo aqui... (JRS)

(13) Uai... por eu vender essas coisa... os remédio e tudo mais.. eu fiquei conhecendo muita gente... Às vezes eu ando na rua e o povo fala: depois eu vou lá viu? Eles me chamam de Zé da raiz... e eu fico muito feliz por isso... por eles reconhecer minha sabedoria... (JSO)

Essa relação de amizade foi evidenciada pelos especialistas em nossos diálogos. Como Nova Glória/GO é uma cidade de pequeno porte, tornou-se o espaço ideal para proporcionar interações mais próximas. Esse é um ponto visível na maioria das cidades interioranas, quando comparadas às grandes metrópoles. As cidades pequenas, com um número menor de habitantes (nesse caso, cerca de nove mil), tendem a ser mais favoráveis à comunhão entre os moradores de um modo geral, quando comparadas às cidades mais extensas e com maior fluxo de pessoas. Essa possibilidade de maior contato entre as pessoas da comunidade e, conseqüentemente, de maior comunhão, é apontada por Dona Júlia: *aí contava pro outro e pro outro.. rapidinho eu já virei amiga de todo mundo aqui.*

Diante disso, é raro encontrar alguém em Nova Glória que não conheça o senhor Zé da raiz ou a Dona Júlia que faz garrafadas. O cenário, ou seja, o local onde as interações se dão, nesse caso, é o espaço urbano (Nova Glória/GO), mais especificamente as casas dos raizeiros, onde recebem os clientes e prescrevem os remédios. A casa desses especialistas nada mais é que seu laboratório, consultório e farmácia. O lugar em que se fabrica, indica, prescreve e vende os remédios. No caso de José Silvério, trecho (13), é possível observar que a comunidade já o conhece pelo ofício que exerce. Ele não é mais qualquer José, mas o José das raízes, que tem uma sabedoria que o difere e o destaca frente às demais pessoas da comunidade, quase como um *pajé urbano*.

O diálogo e a interação, nesses contextos, são primordiais, já que é fundamental saber ouvir os sintomas (JSO) e entendê-los para perceber de qual

doença a pessoa tem sofrido e, portanto, qual remédio deve ser indicado. O especialista, além de prescrever os remédios, escuta e aconselha os demais moradores da comunidade, especialmente quando se trata do que eles chamam de *doenças da mente*, que, segundo Dona Maria, são diferentes das *doenças do corpo*. Entre as doenças da mente, os raizeiros incluem, principalmente, enfermidades que interferem na percepção, na emoção e no comportamento do indivíduo, como depressão, ansiedade, estresse, etc. Por isso, o assunto entre especialista e paciente não se encontra limitado às questões de cura ou de doença, integrando também conselhos sobre a família, os amigos, as dificuldades financeiras, etc.

Tal fato nos revela que o conhecimento e a prática dos raizeiros ultrapassam o pensar fragmentado. Ou seja, o especialista olha o indivíduo como um todo, partindo de um método holístico, tal qual a homeopatia. De forma parecida a esse complexo sistema médico de caráter holístico, o raizeiro enxerga o paciente como centro e concebe-o em sua totalidade, isto é, compreende o paciente tendo em vista as dimensões física, psicológica, social e cultural. Essa visão holística de saúde nos mostra a maneira como os saberes desses especialistas familiarizam-se e correlacionam-se à perspectiva ecolinguística. Assim, o *biopssicosocial* não determina, então, apenas a forma como o especialista compreende o mundo, como também conduz a maneira dele compreender o outro, a relação especialista-paciente.

Desse modo, vemos que a relação com o outro – além da relação com as plantas – é primordial para o ofício dos especialistas. Nesse sentido, a busca pela cura das mazelas do outro torna-se, segundo eles, o que impulsiona suas práticas:

(14) Meu foco é::: dar cura em curto espaço de tempo porque doenças e dores ninguém suporta... é::: meu foco... Realmente cobro porque num tem um ser humano na TERRA que num vive sem dinheiro... pra manter suas despesas entendeu? Num vai pensar que vai de graça não... vou cobrar mas vendo na razão científica...uma razão que não fere seu bolso. (JSO)

Ao cuidarem do bem-estar e da saúde das pessoas da comunidade a partir da produção dos remédios, os raizeiros fazem com que seus conhecimentos também se mantenham vivos. José quer, acima de tudo, o bem daqueles que o procuram para indicar e fabricar remédios. Há aí uma relação de comunhão, de preocupação com o outro. Ele busca que as pessoas não tenham mais que enfrentar dores que não

suportam. Com um sentimento quase que religioso, de salvador que cura os enfermos, ele procura *dar a cura em um curto espaço de tempo*. Nesse caminho, ele afirma que não busca um enriquecimento com sua prática, mas cobra um valor justo, já que o sistema econômico atual exige que tenhamos dinheiro para nos alimentar, vestir, etc. Segundo o especialista, ele cobra para manter as despesas, mas o faz em uma razão científica. A razão científica é uma quantia justa, tendo em vista o saber que ele detém em relação às demais pessoas da comunidade. Podemos pensar, ainda nesse sentido, que o raizeiro afirma *fazer ciência* na medida em que cobra uma *razão científica*. Compreendemos, aqui, que é isso que de fato ocorre: como qualquer outro especialista, ele pesquisa, faz ciência (mesmo que o paradigma moderno alegue o contrário) e considera justo cobrar pelo seu trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ficou claro ao longo de nossas análises que o ofício dos raizeiros se constitui a partir de uma estreita e necessária relação com a terra e com a natureza, especialmente com as plantas medicinais. O ecossistema natural, ou seja, a relação do indivíduo com o meio ambiente físico, mostra-se crucial na construção dos saberes dos raizeiros. Isso porque a todo momento há uma preocupação com a terra, com o meio ambiente físico. O raizeiro cuida da planta, retira as partes necessárias e prepara o remédio. Separam as plantas e, conseqüentemente, os remédios, de acordo com suas propriedades e funções: as que *são para cheirar* e as que *são destinadas para beber*.

As práticas dos especialistas pressupõem uma clientela, ou seja, presume interação com o outro. Quanto ao ecossistema social, percebemos que essas interações com o outro são indispensáveis na construção dos saberes etnomédicos destes. O raizeiro, nesse contexto, deve aprender a ouvir o outro, compreender os sintomas para encontrar a doença que a pessoa tem sofrido e, então, prescrever os remédios apropriados. Dessa forma, no que tange à dimensão social, observamos uma predisposição à interação entre raizeiro-cliente, uma comunhão. Na maioria das vezes, essas relações vão além do relacionamento especialista-cliente, migrando para um nível mais pessoal, de amizade.

No que diz respeito ao ecossistema mental notamos que seu papel na construção dessas práticas é também primordial, uma vez que a forma como o indivíduo se relaciona com o mundo e com o outro perpassa além das experiências físicas e corpóreas, por um complexo processo mental. O modo como categorizamos e damos sentido à nossa experiência, além de englobar as dimensões físicas e sociais, relaciona-se também à cognição. Sendo assim, ao estudarmos os raizeiros e suas práticas, estamos estudando, também, cognição.

Quando retomamos o conceito central de rede, que fundamenta o paradigma ecológico, compreendemos que esses três meios ambientes constituem uma rede de interações. Da mesma forma, ao levarmos em conta o complexo processo de construção do conhecimento, vemos que é preciso questionar as formas constituídas de saber que norteiam nossa compreensão de mundo, de modo que passemos a pautar-nos por um viés holístico.

Nesse contexto, ao olharmos para as tensões entre conhecimento científico e conhecimento popular, entendemos que os saberes dos/as raizeiros/as se situam em um local marginal, uma vez que a ciência considera inválido o conhecimento que esses sujeitos ou comunidades tradicionais criam e utilizam. Enquanto há, por um lado, a valorização dos saberes pela comunidade em que vivem, por outro, a comunidade científica os desvaloriza e inferioriza (tanto os saberes, como os próprios sujeitos). Assim, mesmo que inseridos em um contexto que os marginaliza, ser raizeiro é saber de meio ambiente, de plantas, de medicina, de vida. É colocar em pauta o holístico, e, acima de tudo, questionar a visão antropocêntrica de mundo. É colocar as riquezas naturais como centro da sobrevivência. É incorporar-se a um pedaço do solo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Alceu Maynard. *Medicina rústica*. 3 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

AMOROZO, Maria Christina Mello. *A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais*. Plantas medicinais: arte e ciência um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: UNESP, 1996.

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. (trad) Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix: 1996.

COUTO, Hildo Honório. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

_____. et. al. Introdução: breve histórico da Ecolinguística. In: COUTO, H. H. et al. *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora UFG, 2016.

_____. Linguística ecossistêmica. In: COUTO, H. H. et al. *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora UFG, 2016.

_____. O que vem a ser ecolinguística, afinal?. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 14, n.1, 2013.

LITTLE, Paul (Org). *Conhecimentos tradicionais para o século XXI: Etnografias da Intercientificidade*. São Paulo: Annablume, 2010.

MAKKAI, Adam. Por que Ecolinguística. In: Couto, H. H.; Couto, E. N. N. Araújo, G. P. et al (orgs). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora Ufg, 2016. 528 p. Tradução de H. H. Couto e E. K. N. N. do Couto.

NENOKI DO COUTO, Elza Nakayama. *Ecolinguística e Imaginário*. Brasília: Thesaurus, 2012.

Recebido em: 31/01/2022.

Aprovado em: 14/07/2022.